

Cem anos de crítica à obra de Marcelo Gama

Wendell de Freitas Amaral*

RESUMO: O presente artigo pretende demonstrar como tem sido a recepção crítica da obra de Marcelo Gama, desde o lançamento de seu livro de poemas *Via Sacra* (1902), até nossos dias.

Palavras-chave: Marcelo Gama; poesia; crítica.

Marcelo Gama (1878-1915) nasceu no Rio Grande do Sul e colaborou para a introdução do Simbolismo nesse estado, publicando o livro *Via Sacra* (1902). Anos depois, juntamente com outros poetas da província, transferiu-se para o Rio de Janeiro na esperança de conseguir um emprego no meio editorial. Colaborou na redação de revistas e jornais como *Fon-Fon* e *A Hora*. Sua obra é relativamente curta – como curta foi sua existência – e está reunida em *Via Sacra e outros poemas* (1944), onde se juntam ao livro de estréia alguns poemas dispersos.

1. *Via Sacra*: marco do simbolismo sul-rio-grandense

Marcelo Gama, em 1902, introduz o Simbolismo no Rio Grande do Sul.

O livro *Via Sacra* é considerado pelo crítico Guilhermino Cesar um marco na literatura gaúcha, pois representa o início de uma ruptura com os moldes essencialmente parnasianos que predominavam até então, abrindo espaço para a fecunda geração de poetas gaúchos que iria destacar-se nacionalmente. Segundo o crítico, as obras de Cruz e Sousa e Alphonsus de Guimaraens, além dos simbolistas curitibanos, alcançaram rapidamente uma repercussão entre os jovens rio-grandenses. Comum também era a leitura dos franceses e belgas, como Verlaine, Rodenbach, e dos portugueses Eugênio de Castro, Antônio Nobre e Cesário Verde. O que fez com que penetrasse naqueles novos poetas “a sensibilidade, acordando-os para a batalha do antimaterialismo”.

1902 anuncia (...) o aparecimento de Marcelo Gama, que vai chefiar, sem o saber, uma nova corrente, mitigando a objetividade dos primeiros parnasianos com a sua poesia tão extravagante e originalmente subjetiva. Numa linha que parte da *Via Sacra* e se continua em Pedro Velho, Zeferino Brasil (...) e Alceu Wamosy, (...) o parnasianismo evolui mansamente para a revolução espiritualista (CESAR, 1971, p.192).

* Mestrando em Estudos Literários pela UFJF.

Importante ressaltar que a maioria dos poetas dessa nova geração foge do passado heróico do Rio Grande do Sul ao descartar nas obras os temas políticos, valorizando, sobretudo, a musicalidade e o intimismo. Este último traço configura a ausência da “cor local”, que fora tão presente no regionalismo e bastante acentuada na poesia romântica; essa oposição é ainda mais notável se compararmos a obra dos simbolistas com os representantes da linha tradicional: seus predecessores, ligados ao Paternon Literário; e os prosadores contemporâneos daquela nova geração de poetas, como Simões Lopes Neto e Alcides Maya. “Neste sentido, o Simbolismo configura-se como uma reação compacta ao separatismo da poesia e da prosa de sua época, buscando maior universalidade tanto temática, quanto imagística” (ZILBERMAN, 1982, p.18).

2. Marcelo Gama visto pela crítica de José Veríssimo

Ao comentar a publicação de *Via Sacra*, José Veríssimo justifica na subjetividade autocrítica de Marcelo Gama as causas de seu desprezo pelo poeta: “Com bem mau gosto, acho eu, ele começa por confessar-se mau filho, inútil, vadio, sujo – *um tipo de imbecil, grotesco e extravagante...* que só uma coisa adora, e o consola no mundo, o verso” (VERÍSSIMO, 1977, p.104).

Após demonstrar sua antipatia pelo tipo de poeta sonhador e desregrado, o crítico reconhece em Marcelo Gama um talento incomum, na comparação com os demais simbolistas – sem deixar de lado a ironia dirigida a esse grupo de poetas:

Quero, porém, dizer já que por menos simpático que me seja o alardo de maldade e cinismo que de si mesmo faz o Sr. Marcelo Gama, (...) não posso deixar de reconhecer nele um poeta de merecimento não comum, talvez um dos que mais verdadeiramente o sejam, na capoeira grossa dos que abrolham cada dia por dezenas, neste nosso fecundo solo brasileiro, mais feraz em versos que em café (VERÍSSIMO, 1977, p.105).

O reconhecimento do talento do poeta por Veríssimo, “pela primeira vez em um simbolista” (MURICY, 1973, p.107), não minimiza as críticas relativas ao comportamento do escritor tido por devasso. O crítico busca justificar tal censura a Marcelo Gama no que define como “patologia literária”, para ele, uma herança romântica que não passava de

um preconceito literário, e, (...) tolo, do gênio e da desordem, preconceito romântico, portanto anacrônico, desmentido por toda a história literária, com o exemplo dos máximos gênios, que salvo raríssima exceção todos viveram na ordem e na moral, humana e social (VERÍSSIMO, 1977, p. 105).

Até aqui, vemos que o tom da crítica, apesar de se basear nos versos do poeta, é dirigido não ao seu processo de criação, mas à representação da imagem social do escritor. O

moralismo e o compromisso de apontar no texto valores que o coloquem como representante de uma cultura nacional, baseada no civismo, levam Veríssimo a combater duramente a postura crítica de Gama, que se mostra avesso aos padrões da vida convencional.

As preocupações do poeta pela boemia literária, os “defeitos” morais e seu “funesto gosto pela vadiagem” são postos em primeiro plano na crítica de Veríssimo, demonstrando uma extrema dificuldade do crítico em dissociar a vida social da matéria literária, que se quer criação subjetiva e não apenas descritiva; por isso, os inevitáveis conselhos para que o moço esqueça sua postura de revolta e busque um patamar social mais elevado:

O Sr. Marcelo Gama é moço; se, como ele confessa, tem aqueles vícios e defeitos, ainda está em tempo de descobrir o vazio, a inaniidade, o ridículo mesmo dessa postura, pois quero crer não seja mais que uma postura. (...) Há no poeta de *Via Sacra* talento, emoção e simpatia bastantes para arrancá-lo a essas preocupações arcaicas e imorais de boemia literária (VERÍSSIMO, 1977, p.105).

Após reconhecer talento e singularidade num poeta simbolista Veríssimo cita como capazes alguns versos das “páginas meigas e delicadas” de *Via Sacra*. Entretanto, o que mais interessa como marca pessoal e distintiva de Marcelo Gama em relação à maioria dos escritores da época – sua postura irônica e crítica – não recebe menção de Veríssimo, ou melhor, é tratada como vício e defeito psicológico. O que não se justifica, mas é compreensível se pensarmos no contexto e na intenção crítica do autor do artigo. Afinal, não era de se esperar de uma crítica baseada nos preceitos positivistas e moralistas a aprovação de uma postura que se revoltasse contra tais paradigmas. Marginalizados, poetas como Marcelo Gama, estavam na contramão, portanto, da literatura como “sorriso da sociedade”.

Veríssimo é taxativo ao considerar o caso brasileiro como cópia mal-feita do movimento francês. Não percebeu, entretanto, que o Simbolismo aqui, mesmo que tenha sido medíocre em relação ao francês e pelo efeito limitado que teve devido à aliança entre o Parnasianismo e o espírito conservador, foi manifestação rica de experiência e de variações, as quais influíram na formação de um clima pré-modernista (CANDIDO; CASTELLO, 1968, p. 131).

3. Uma apreciação mais justa

Em 1944, a Sociedade Felipe D’Oliveira publica *Via Sacra e outros poemas*, obra que reúne ao livro já publicado de Marcelo Gama, o drama “Avatar” (1904) e “Noite de Insônia” (1907), além de poemas *dispersos* como “Rua da Azenha” (1905) e “Mulheres” (1909).

Também é em meados do século, com a publicação do *Panorama do movimento simbolista brasileiro* organizado por Andrade Muricy, que muitos daqueles poetas obscuros passaram a ser lidos e receberam algum respaldo junto à crítica. Alargando os critérios de valor, Andrade Muricy inclui em seu livro mais de uma centena deles, entre os quais, poetas que extrapolam em muito as convenções do movimento, como é o caso de Augusto dos Anjos e Manuel Bandeira, cujas relações com o Simbolismo foram apontadas pelo crítico.

Sobre Marcelo Gama, Muricy traz uma pequena seleção de poemas e alguns breves e vagos apontamentos biográficos, além de mencionar a possível influência que teria recebido o brasileiro da obra do português Cesário Verde. Nesta menção, o crítico aparenta o poeta gaúcho a Mário Pederneiras e manifesta na comparação uma predileção pelo primeiro, por ser ele mais “brilhante” e “pitoresco” que o poeta de *Histórias do Meu Casal*. Marcelo Gama, segundo Muricy, “acentuou vigorosamente as vozes coloridas e os ritmos nervosos do seu individualismo comunicativo”, o que proporcionou à sua poesia “achados verbais e psicológicos curiosos, ou empolgantes, e isso com surpreendente frequência” (MURICY, 1973, p. 739).

Colaborando com textos sobre o Simbolismo para o quarto volume de *A Literatura no Brasil*, de Afrânio Coutinho, Muricy fez acréscimos no seu julgamento sobre Marcelo Gama. Ao abordar a pequena repercussão do *humour* no nosso Simbolismo, o crítico encontra alguns resquícios da “espirituosa indolência displicente” de Cesário Verde, mais uma vez em Mário Pederneiras. Para ele, no entanto, é Marcelo Gama quem dá a nota “bastante aguda” do humor em nossa poesia. Considera, neste sentido, o poema “Mulheres” como a obra-prima do poeta gaúcho, pois sua sensual e espontânea apresentação do desfile feminino é de uma “virtuosidade e precisão epigramática chispante”. Entretanto, Muricy também menciona a repetição de uma “efusão desarmada”, que se dá em alguns momentos no “desenvolto lirismo”. Esta referência é feita, sobretudo, ao longo poema *Noite de Insônia*, que, apesar de apresentar esta nota monotônica momentânea, é lembrado por ter inspirado “uma geração inteira de jovens simbolistas” (COUTINHO, 2004, p.458).

Também o crítico Massaud Moisés refere-se ao modo original e peculiar que garantem a Marcelo Gama “um lugar especial na galeria dos nossos simbolistas”. Para ele, o autor merece o referido posto por construir sua obra a partir de modelos pouco usuais no início do século e pela rara sensibilidade que o tornam “um legítimo precursor do Modernismo, pela forma, aberta e avançada, e pela maneira de focalizar determinados temas” (MOISÉS, 1967, p.179). Esta particularidade poética estaria, sobretudo, na maneira com que Marcelo Gama utiliza

“estruturas poemáticas” arcaicas, colhidas na tradição lusíada, e somadas à sua dicção despojada, fluente e espontânea.

Em relação aos temas, há uma predominância da poesia do cotidiano, o que lembra mais uma vez Cesário Verde. Essa correspondência estaria relacionada à ironia ácida e desdenhosa deste, mas, que em Marcelo se abranda e torna-se freqüentemente uma auto-ironia, o que faz Moisés concluir que o brasileiro não mereça o rótulo de realista, pois seu foco está mais voltado para o “mundo interior” e não para a “realidade circundante”. Este conflito entre o intimismo e a visão da realidade exterior, aliás, seria devido a uma “bipolaridade de seu temperamento”, oculta “sob a capa de extroversão e do desregramento”. Além disso, apesar de apontar para uma semelhante riqueza metafórica presente na obra dos poetas, o crítico ressalta a diferença em relação ao espaço poético: o de Marcelo Gama se mantém “ordenado”, enquanto o de Cesário faz-se “delirante”. Exemplo perfeito dessa ordenação, para Moisés, é o poema *Noite de Insônia*, o qual é eleito como “o ponto mais alto de sua respiração decadente e simbolista, apesar do clima surrealista que o poeta alcança evocar a partir do seu título” (MOISÉS, 1967, p.180).

Embora não despreze a manifestação das convenções simbolistas presentes nos primeiros poemas de Marcelo Gama, Massaud Moisés ressalta que o poeta salienta-se pela “varonilidade de sua mundividência poética”, apenas algumas vezes enternecida de “mistério” e de “vaga comoção”. E assinala, como um aspecto raro no nosso Simbolismo, a constância desses “versos másculos, fortes e cortantes”.

Sendo assim, a conclusão a que chega o crítico é a de que Marcelo Gama, apesar de ter escrito relativamente pouco, pode ser considerado poeta “moderno”, pois, como um cronista das ruas e longe da torre de marfim, se desprende das amarras convencionais da época ao apresentar uma sintonia com as vanguardas européias, dando contribuição importante para a gestação do nosso modernismo:

Original, inconfundível com os seus companheiros de estética, e integrando sem o saber as vanguardas poéticas da Europa, seu legado de arte garante-lhe um posto de realce entre os nossos poetas simbolistas, além de torná-lo um testemunho e um documento indispensável para os que desejarem escrever a história “interna” das origens do movimento revolucionário de 1922 (MOISÉS, 1967, p.183).

O artigo de Dione Maria Bitencourt e Gláucia da Luz Pires sobre Marcelo Gama, publicado na revista acadêmica *Letras de Hoje*, é dividido em duas rápidas análises que abordam o artista como um desencantado diante da realidade, classificadas como “estudo de sonetos” e “estudo de poemas”.

Na primeira análise, as autoras percebem o predomínio dos lugares-comuns da linguagem simbolista (evocação, sugestão, interiorização e fugacidade) marcados pelo decadentismo, que se expressa na consciência da transitoriedade da vida. De ritmo invariável, os sonetos, para elas, têm no uso das ricas metáforas e dos símbolos voltados para a natureza a função de traduzir os sentimentos do “EU”, que se exalta e se angustia por ter a consciência de que seus sonhos e ilusões são efêmeros.

Também na segunda análise, as autoras referem-se a um estado de desencanto e a um desamor constantes na lírica de Marcelo Gama, o que, para elas, teria sido a “autêntica Via Sacra” do poeta. Afirmam ainda que este “EU” angustiado encara a realidade com um profundo sentimento “de inutilidade, rejeição, vazio, hostilidade, desprezo e esperanças perdidas” (BITENCOURT; PIRES, 1975, p.86) – o tédio diante da vida o faz procurar a salvação na morte. Já o desamor do poeta estaria ligado a “um estado de alma, a uma visão subjetiva e a um conhecimento que tinha ou fazia de si” (BITENCOURT; PIRES, 1975, p.87). Este sentimento é, portanto, visto na análise como uma convicção da ilusão existente no enlace entre homem/mulher.

Por fim, as autoras apresentam uma visão da personalidade do poeta que não difere muito da que Massaud Moisés chamou de “temperamental hipersensibilidade”, o que seria a causa da oscilação da poesia de Marcelo Gama entre posições extremas:

Sua sensibilidade instável inclina-se para a tragédia, mas sua imaginação dinâmica enche de densidade lírica e de efeitos cinemáticos uma temática diversificada que reflete as vicissitudes psicológicas e os vários estados de sua alma, quase sempre incompatíveis com o social: cheio de desprezo e hostilidade pelos homens, alimentando uma ironia sutil pela mulher, e tendo para consigo mesmo um profundo sentimento de alheamento e inutilidade, a buscar na morte a solução para todos os males (BITENCOURT; PIRES, 1975, p. 89).

4. O estilo coloquial-irônico

Esta linha do Simbolismo francês denominada pelo crítico norte-americano Edmund Wilson de “coloquial-irônica” ou ainda “irônico-pungente”, “gírio-pomposa” e “chulo-ingênuo”, expressões que sintetizam alguns de seus traços essenciais, seria a contraparte da linha tradicional, musical e sugestiva, ou “sério-estética”, como prefere Wilson, e que está na base da obra de poetas do século XX como T.S. Eliot.

Incisivos irônicos e críticos de uma tendência tradicionalista estética, nobre, divinizante da pureza, poetas como Tristan Corbière e Jules Laforgue, segundo Wilson, cultivaram em suas obras valores considerados negativos, mas não sobreviveram à sua aceitação crítica. Para eles, a poesia soava mais clara, quase prosaica, e através desse modo,

do qual se apropriaram, se aproximariam mais do trato popular dado à palavra, do coloquialismo, com o uso de vocabulário chulo e “inadmissível à poesia”. O que parece indicar por que suas obras foram tratadas, no momento das publicações, como de mau gosto estético. E que remete também ao caso brasileiro, se pensarmos nas objeções de José Veríssimo, mencionadas anteriormente, sobre a poesia de Marcelo Gama.

É na observação do vocabulário utilizado em alguns poemas do simbolista brasileiro que Péricles Eugênio da Silva Ramos detecta a sua filiação ao estilo praticado por Corbière, Laforgue e Cesário Verde, pela preocupação com os temas do cotidiano, “de modo esquadrinhador e até ferino”. Também para ele, Marcelo Gama, “cujo vocabulário assume por vezes tom coloquial e cuja dicção não disfarça a ironia”, tem no poema “Mulheres” a representação máxima desta veia poética, que, por se tratar de uma composição “viva e mordente, corrosiva e sensual, não perde o interesse em toda a sua extensão”. Mas, além do estilo predominante apontado na obra do poeta gaúcho, Ramos, em sua breve crítica, destaca também os méritos de Gama na diretriz do simbolismo tradicional, sério-estético. Como exemplo cita o poema “Bucólico”, por sua “mansidão pastoril e o seu feliz emprego do arcaísmo” (RAMOS, 1965, p.316).

Augusto de Campos é outro que vai ocupar-se do estudo deste estilo pouco usual no Simbolismo. Para ele, uma das causas mais fortes do “desprestígio” deste “primo pobre” em relação à linha “nobre” da poesia simbolista seria sua própria natureza “crítica”, que a caracterizava como uma “contra-corrente dialética” dentro do movimento; ele atribui aos poetas ligados a esta contra-corrente a ação de dessacralização do léxico poético com a utilização da linguagem coloquial:

os poetas da linha “coloquial-irônica” começaram a reintroduzir no corpo superpoético do poema, artefato de luxo, todo um lixo semântico, vedado à “terra santa” da poesia. Contra os cânones do *sermo nobilis*, a dessacralização do *sermo vulgaris*. Antipoesia. Antiarte (CAMPOS, 1978, p.210-211).

Outro fator que teria impedido a valorização da linha representada por Corbière e Laforgue seria a desconsideração deste “gênero maldito”, humorístico e crítico, como criação artística, o que, para o autor, resultou do desprezo equivocado por parte dos poetas-estetas.

Augusto de Campos é mais cauteloso no que se refere a legitimar Marcelo Gama como representante desta veia contratextual do Simbolismo no Brasil. Embora trate-o como uma exceção das nossas letras, não o vê como um caso extremado. Para ele, Cesário Verde seria o único grande “antipoeta simbolista em língua portuguesa” por trazer em seu estro a “farpa, a precisão e a consciência lúcida” (CAMPOS, 1978, p.214). Apesar de não possuir as mesmas

qualidades do poeta português, Marcelo Gama ainda merece destaque entre seus contemporâneos, pois, segundo o concretista, foram raras as figuras de nosso Simbolismo que souberam fugir da quase exclusiva dependência do satanismo de Baudelaire e da musicalidade de Verlaine.

5. A *Flânerie*

Sebastião Uchoa Leite questiona o quadro das antologias poéticas nacionais e sugere a inclusão dos poetas obscuros que produziram poemas que se mantêm “legíveis”, ao passo que tantos consagrados deveriam ser “atirados pela janela”; o ensaísta afirma que o poeta de *Via sacra* “entraria pela fresta”. Para ele, tal como Pedro Kilkerry, Maranhão Sobrinho e Augusto dos Anjos, Marcelo Gama extrapola os limites do Simbolismo no Brasil, porque nele “aflora” o estilo coloquial-irônico, sobretudo no poema “Mulheres”. Sebastião Uchoa Leite também cita a admiração de Gama por Cesário Verde, além de aproximar o poema “Noite de Insônia” das “Idéias íntimas” de Álvares de Azevedo. Porém, não é como neo-romântico que o crítico vê o poeta gaúcho, apesar de perceber na maior porção de sua obra uma “melancolia preguiçosa” e um “sentimentalismo frívolo”. Caracteriza-o como “pré-moderno”, devido ao *approach* coloquial e o humor, também recorrentes nos poemas. A base para esta caracterização Uchoa Leite encontra em: “Rua da Azenha”, “Noite de Insônia” e “Mulheres”, que permitem ao poeta transpor os limites do “intimismo convencional” e “lançar-se numa observação mais crítica e autocrítica” (LEITE, 1986, p.102).

Sebastião Uchoa Leite prioriza, a partir de uma análise estrutural, o poema “Mulheres”, por perceber nele uma clara dissidência em relação aos modelos da época. O que destaca “Mulheres” dos poemas da *Belle Époque* é um “ritmo desigual”, que foge também às formas fixas e tradicionais presentes na obra do próprio Gama. Este ritmo é marcado pelas impressões captadas pelo olhar daquele que perambula sobre a rua. É a *flânerie*, marca da modernidade e decorrência da “funesta vadiação” que José Veríssimo tanto condenou na postura do poeta.

Para Uchoa Leite, o ritmo permite ainda uma abertura para um “universo semântico mais amplo”, além da perspectiva crítica do olhar sobre as figuras femininas realçar um aspecto discordante em relação à imagem da mulher angelizada. A linguagem rara e exclusivamente poética, que ainda persiste em algumas designações femininas, será “poluída” pelos estrangeirismos que marcam o coloquial da época e pelos termos vulgares, como as gírias. Uma colagem que lembra o universo coloquial-irônico de Tristan Corbière.

Sendo assim, o poema é considerado um modelo de transição e, como poucos, irá “lançar uma ponte para a modernidade que irromperá, enfim, no movimento modernista da década seguinte” (LEITE, 1986, p. 107). O que permite aproximar Marcelo Gama, pela afinada observação cotidiana, de poetas como Manuel Bandeira, Drummond ou Murilo Mendes.

6. O estranhamento ao lugar-comum

Para Vera Teixeira de Aguiar, Marcelo Gama é um poeta que conquistou notoriedade entre os escritores rio-grandenses por apresentar em sua curiosa poesia uma capacidade de abordar os temas cotidianos e as formas tradicionais de expressão, mesmo estando em desacordo com o meio em que vive. Para ela, essa descrição dos temas próximos ao leitor, como os problemas imediatos do dia-a-dia e a ambientação das ruas garantem a esta poesia uma identificação com o mundo exterior e com o imaginário popular. Além disso, a linguagem foge à elitização comum desejada pelos simbolistas:

As imagens que desenha e as metáforas que constrói partem da combinação de elementos buscados na percepção imediata do mundo (...) e ainda, na apropriação do falar coloquial, dos ditados populares, tornados inusitados pelo novo contexto em que aparecem (AGUIAR, 1989, p.47-48).

Essa relação com os temas do cotidiano e com os esquemas formais colhidos da tradição, como os sonetos e os versos alexandrinos, que possibilitam, segundo a autora, uma melhor “fruição da leitura”, decorre, contudo, de uma psicologia singular que manifesta um estranhamento a essa mesma realidade externa e às convenções que a governam, portanto, as combinações e recriações formais presentes em sua poesia fogem à simples representação do lugar-comum e assumem uma consciência crítica.

O questionamento da realidade na poesia de Marcelo Gama não transmite uma aspiração de fuga, presente em alguns simbolistas, mas acentua seu sentimento de rejeição do mundo hipócrita que vê. “O descentramento do eu faculta ao escritor a possibilidade de, estando entre os outros homens, falar de fora. A sensação de rechaço gera o estranhamento” (AGUIAR, 1989, p.50-51).

Portanto, para ela, é a postura vigilante do poeta em relação ao papel do artista na sociedade, ao repensar o ato da escrita e dar uma fisionomia própria às formas tradicionais, que possibilita à sua obra encaminhar-se à modernidade:

Por se aproximar do universo do leitor, através da representação do cotidiano e do manuseio das formas poéticas sedimentadas na consciência coletiva, Marcelo Gama não se escraviza à estética simbolista, não se enclausura na torre de cristal dos poetas distantes do mundo real.

(...) Autor de seu tempo, (...) respaldando-se na tradição, abre caminho para o futuro, ao garantir à poesia um lugar na vivência cotidiana (AGUIAR, 1989, p. 49).

7. Um canto à sombra

Vera Lins escreve o prefácio para a reedição de *Noite de Insônia* publicada em 1995. Nele, a autora também contesta os critérios duvidosos para a formação do cânone. Como metáfora para a exclusão de tantos poetas “eternos” da memória nacional, ela cita a forma violenta com que Marcelo Gama foi atirado do bonde de sobre um viaduto para morrer aos 37 anos. Para ela, num momento “modernista” em que se buscava uma expressão do concreto e do objetivo fundada no ajuste de um primitivismo nacional com as novidades da máquina, tanto o poeta gaúcho quanto Ribeiro Couto – cujo poema “Elegia de uma noite de junho” é estudado por ela num jogo intertextual com “Noite de Insônia” – merecem a análise pelo fato da poesia de ambos “articular um pensamento que se esgueira por entre as palavras de ordem de um moderno identificado com uma sociedade industrial” (GAMA, 1995, p.7).

Assim, o poema se aproxima mais da imaginação convulsiva de outros modernos anteriores às vanguardas: Edgar Poe e Baudelaire. A um encantamento com a nova realidade e com o desejo de representá-la, sobressalta a visão interior que cria no ritmo do poema um mundo de fantasia e sonho, o que, para Vera Lins, “faz do poeta um ser tragicamente consciente da insuficiência do que existe; torna-o um crítico da modernidade” (GAMA, 1995, p.10).

Quanto ao ritmo da “Noite de Insônia”, guiado pelos arroubos imaginativos, a autora embora considere-o explosivo e surpreendente, refere-se aos momentos em que decai para uma certa apatia, lembrando aquela “efusão desarmada” apontada por Andrade Muricy. Apesar disso, o poema não perderia seu caráter ousado frente aos ponderados versos parnasianos.

Como Sebastião Uchoa Leite, Vera Lins atenta para as afinidades do poeta de “Noite de Insônia” com o realismo-irônico de Cesário Verde e com o intimismo de Álvares de Azevedo. Entretanto, ressalta que Marcelo Gama excede os dois pela liberdade com que suas imagens surgem do sonho, extrapolando o realismo do primeiro e o espaço fechado do segundo. Do desejo de dar forma aos gestos vertiginosos e atormentados surge uma proximidade com o expressionismo, na comparação que faz a autora com outro poeta português, Raul Brandão.

Para ela, é através da aventura ficcional que alguns dos simbolistas, como Marcelo Gama, aproximam-se das vanguardas e distanciam-se das convenções da época por beirar “o

expressionismo e o surrealismo, abrindo um caminho fora do veio documental e nacionalista que imprimiu sua marca na literatura brasileira” (GAMA, 1995, p.19).

Conclusão:

Apesar dos exemplos demonstrados neste artigo de como a crítica contemporânea tem dado maior atenção à obra de Marcelo Gama e valorizado o estilo peculiar e raro, que o distingue da maior parte dos nossos simbolistas, ele permanece como autor pouco conhecido e objeto de raros estudos. Mesmo um século após o último registro de um poema seu, “Mulheres” (1909).

Esquecidos e à margem do cânone, vários poetas contemporâneos de Marcelo Gama foram considerados menores na comparação com outros de seu tempo. Isso não implica, necessariamente, uma inferioridade de talento, apenas resulta dos critérios de escolha mantidos segundo convenções estéticas de uma época. Examinadas anos mais tarde, sobretudo após a vigência do nosso Modernismo, essas mesmas convenções outrora aceitas perdem valor, e o que fora classificado como “patologia literária” – no caso específico de Marcelo Gama – pode ser (re)visto com outro olhar.

Portanto, mirar a necessidade de revisão de certos autores esquecidos no passado não pode ser considerado ato anacrônico, pois um exame mais cuidadoso de tais obras permite que se estabeleça seu grau de relevância na literatura nacional. Sobretudo, como no caso de Marcelo Gama, no que se refere a uma postura irônica e consciente em relação às contradições da modernidade, aproximando-o das futuras vanguardas.

ABSTRACT: This article intends to show how Marcelo Gama’s written work has been received by literary criticism, since the publication of his poem book *Via Sacra* (1902), until our days.

Key-words: Marcelo Gama; poetry; literary criticism.

Referências bibliográficas:

AGUIAR, Vera Teixeira de. Marcelo Gama. Porto Alegre: IEL, 1989.

BITENCOURT, Dione Maria R. & PIRES, Gláucia N. da Luz. Marcelo Gama: poeta do desencanto. Letras de hoje. Porto Alegre: PUC-RS, nº 21, p.84-96, setembro de 1975.

- CAMPOS, Augusto de. Antipoesia no Simbolismo. In: Verso Reverso Controverso. São Paulo: Perspectiva, 1978, p. 211-255.
- CANDIDO, Antonio; CASTELLO, J. Aderaldo. Presença da Literatura Brasileira, Vol II. São Paulo: Difel, 1968.
- CESAR, Guilhermino. História da literatura do Rio Grande do Sul (1737-1902). 2ª ed. Porto Alegre: Globo, 1971.
- COUTINHO, Afrânio. O Simbolismo. In: A Literatura no Brasil, Vol IV. São Paulo: Globo, 2004.
- GAMA, Marcelo. Noite de Insônia. Rio de Janeiro: Sette Letras, 1995.
- Via Sacra e outros poemas. Rio de Janeiro: Sociedade Felipe D'Oliveira, 1944.
- LEITE, Sebastião Uchoa. Marcelo Gama. Farandulagem, Flanêrie. In: Crítica Clandestina, Livraria Taurus Editora: Rio de Janeiro, 1986, p.99-107.
- MOISÉS, Massaud. O Simbolismo. In: A Literatura Brasileira, Vol IV. São Paulo: Cultrix, 1967.
- MURICY, Andrade. Panorama do Movimento Simbolista Brasileiro. 3ª ed. revista e ampliada. São Paulo: Perspectiva, 1973.
- RAMOS, Péricles Eugênio da Silva. Poesia Simbolista. Antologia. São Paulo: Melhoramentos, 1965.
- VERÍSSIMO, José. Estudos de Literatura Brasileira, 5ª série. Belo Horizonte/São Paulo: Itatiaia/Edusp, 1977.
- WILSON, Edmund. O Castelo de Axel. São Paulo: Cultrix, 1967.
- ZILBERMAN, Regina. A literatura no Rio Grande do Sul. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1980.